

Put a Mãe da Luta

Enquanto menina, ganhamos bonecas denominadas de filhas. Os adultos: “Ownt, que linda, cuidando da filhinha, já pode se casar”.

Na rua brincando de pular corda: “Qual é a letra do seu namorado”.

Mas que coisa contraditória. Gravidez aos dezessete: “Vadia, duvido que era virgem. Será mesmo filho de fulano? Deve ser rodada”.

A sociedade é assim, mulher nunca é vítima, mesmo usando burca.

Rente ao fim da adolescência, comecei a ser chamada de Mamãe: “Mamãe estou indo para o samba, mamãe me inscrevi na etec, mamãe vou à casa de uma amiga.

Passados pouco mais de duas décadas no papel de mãe solo, essas são as três frases que mais venho escutando. Com exceção do momento atual de distanciamento social, devido a Pandemia do COVID-19 as frases passaram para: “quando tudo isso acabar ficarei 15 dias no samba, só saio quando o samba acabar”.

Ser mãe de uma mulher de 25 anos é algo desafiador que me faz ressignificar a cada momento.

Tardou em compreender que minha primeira experiência sexual fora uma relação não consentida. Numa sociedade machista e patriarcal, entender que quando uma mulher diz não, mesmo estando casada (não era meu caso) e seu parceiro/parceira insiste na ação, é sim um estupro. Compreensão que o século XX não me deu. Experiência que resultou em minha única gestação, me fazendo *Mãe*, aos dezessete.

Parafraseando minha irmã Gisele Ashanti, ser mãe é uma experiência dolorida. Dói ser mãe.

Para ela doeu desde o recebimento do positivo, passando pela decisão de ter Olivia, até às incertezas de ser uma boa mãe depois dos 30 anos.

Do contrário, doeu os olhos que me condenavam, as amigas que me abandonaram, a ausência de oportunidade de subir aos palcos, a falsidade cristã sobre acolhimento, essa, me afastou de vez do cristianismo.

Saí da dramaturgia de Maria Madalena, e passei a atuar no papel de mãe na vida real.

Era uma adolescente com família. E quem tem família, não anda sozinha.

Camila Cresceu com 3 (três) mães: Sua Avó, sua Tata Gisele e eu. Uma família repleta de Ashantis, que da mitologia do Reino de Gana nos coloca como mulheres negras guerreiras e fortes, que também precisam descansar.

Não me enquadro nos quesitos de Mãe tradicional. Me reconheço como uma “mãe fora do padrão”. Sou aquela que ajuda com as questões dos fãs clubes do Tíe e Turma do Pagode, que Camila tanto gosta. Sou a mãe que vai aos ensaios da Escola de Samba

Vai Vai, só pra vê-la comandar a alegoria. Sou aquela que em dias chuvosos a deixo sozinha, e ao cessar da chuva a envolvo no silêncio de um abraço apertado.

Minha Família é composta por duas pessoas, Mãe e filha, eu e Camila. Por não haver, entre nós, uma figura masculina/paterna, aos olhos da dita família tradicional brasileira, não existimos. Um agrupamento patriarcal e machista. Eles que se danem!!

Luto contra esse tipo de pensamento social.

Com todo respeito que as Putas merecem.

Faço o tipo de mãe filha da Puta.

Faço a linha da mãe da luta.

A mãe das manifestações.

A mãe da rua.

Que briga ao ver as injustiças, mesmo não sendo com minha filha.

Me enquadro na genetriz que vai à Paulista por pedido de Democracia, erguendo a #EleNão, sempre com livros nas mãos.

Sou a matriarca antirracista, feminista que encoraja outras Mães/Mulheres no combate às desigualdades.

Sou a genitora professora que em aulas de história sempre fala de gays, negros e mulheres.

Sou a progenitora que briga com a sua patroa, pela vida de Miguel, de João Pedro, de Amarildo e de Luana.

Sou a mãe da Camila, tia da Olivia,

Sobrinha da Taninha, filha de Alderita, irmã da Gisele. Todas as mães negras periféricas.

Sou a Joice Aziza Mãe, Mulher e continuo querendo saber: “quem mandou matar Marielle?”

E que em minhas últimas linhas ecoem as vozes de todas as mães periféricas que aqui couberem: Esmeralda, Waleska, Jussara, Mônica, Karem D’Osum, Kenya, Monifa, Vera, Karina, Ieda, Lee, Kátia, Piccolo, Michele, Regiane, Doane, Sandra, Renata, Cida, Jully, Ivani, Betywhyty, Gislene, Cris, Aline, Angela, Tati, Valéria, Eliana, Elisangela, Mada, Rosana, Antônia, Karla, Erica, Ivonete, Luciana, Alê, Guiniver, Kelly, Vanessa, Gizelle, Rita, Lilian, Rosangela, Dani, Chai, Van, Daiane, Ana, Flávia, Cristiane, Ricco, Elizete, Leni, Gi, Conceição, Elidia, Gil, Risoleta, Mariane, Cleide, Shirlei, Azenaide, Drica, Makena, Fabricia.

Joice Aziza

Maio/ 2022

